

⇒ Sobremesa

Canção “Heal the world” (Curar o Mundo)

Servido pelos alunos do 6º C, com a colaboração da professora Ana Fernandes.

⇒ Café

Poema “Trem de ferro”, de *Manuel Bandeira*

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virgem Maria que foi
isso maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira

Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canavá
Cada pé de cana
Era um oficiá

Oô
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede

Oô...
Vou m'imbora vou
m'imbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri

Oô...
Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

⇒ Digestivos

Canção - Hino aos Direitos Humanos

Servido pelas alunas: Carolina, 9º ano e Mariana, 5º ano

Acompanhadas ao piano pelo autor da letra—Leandro 8º ano

Tanta fome no mundo
Tanta violência e pobreza
O que será da humanidade,
Se não agirmos com firmeza?
Lutar pela paz
Lutar pelo respeito
É um dever de todos
A Humanidade tem esse direito!
A mensagem que queremos passar
É tão simples de concretizar
Perante as atrocidades
Agir, com as armas do Amor e Lutar!
Tanta fome, tanta pobreza
Não desperdiçar é essencial!
Tantos a morrer à fome
Tantos a esbanjar
Esta é uma realidade mundial!

Servido por:
Alunos 4.º ano—Garapôa

Leandro Lamego – 8ºC

Ementa Literária

COLETÂNEA: NATAL

“Liberdade e Direitos Humanos”



Restaurante: Biblioteca de Celeirós

⇒ Aperitivos

Servido pelos Pais/EE

“Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.”
Fernando Pessoa

“Não tentes ser bem sucedido, tenta antes ser um homem de valor.”
Albert Einstein

“Sofremos muito com o pouco que nos falta e gozamos pouco o muito que temos.”
William Shakespeare

“Só existem dois dias no ano em que nada pode ser feito. Um chama-se ontem e o outro chama-se amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.”
Dalai Lama

“Todos pensam em mudar a humanidade, mas ninguém pensa em mudar-se a si mesmo.”
Leon Tolstoy

“Para começar, nós vamos fazer as pequenas coisas fáceis.

Pouco a pouco nós atacaremos as grandes.

E...quando as coisas grandes estiverem feitas, nós empreenderemos as coisas impossíveis!”
Francisco de Assis

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”
José Saramago

“Tornou-se chocantemente óbvio que a nossa tecnologia excedeu a nossa humanidade.”
Albert Einstein

“O direito à felicidade é fundamental.”
Ana Pavlova

“Eu não me importo se eu tenho que sentar no chão na escola. Tudo o que eu quero é educação.”
Malala Yousafzai

“A educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo.”
Nelson Mandela

“A educação...é a chave para abrir outros direitos humanos.”
Katarina Tomasevski

“Só engrandecemos o nosso direito à vida cumprindo o nosso dever de cidadãos do mundo.”
Ghandi

⇒ Sopa

Caldo de galinha

Servido pelos alunos Alexandre e Afonso, do 6º ano

Pachos na testa, terço na mão,
Uma botija, chá de limão,
Zaragatoas, vinho com mel,
Três aspirinas, creme na pele
Grito de medo, chamo a mulher.
Ai Lurdes que vou morrer.
Mede-me a febre, olha-me a goela,
Cala os miúdos, fecha a janela,
Não quero canja, nem a salada,
Ai Lurdes, Lurdes, não vales nada.
Se tu sonhasses como me sinto,
Já vejo a morte nunca te minto,
Já vejo o inferno, chamas, diabos,
Anjos estranhos, cornos e rabos,
Vejo demónios nas suas danças
Tigres sem listras, bodes sem tranças
Choros de coruja, risos de grilo
Ai Lurdes, Lurdes fica comigo .
Não é o pingão de uma torneira,
Põe-me a Santinha à cabeceira,
Compõe-me a colcha,
Fala ao prior,
Pousa o Jesus no cobertor.
Chama o Doutor, passa a chamada,
Ai Lurdes, Lurdes nem dás por nada.
Faz-me tisana e pão-de-ló,
Não te levantes que fico só,
Aqui sozinho a apodrecer,
Ai Lurdes, Lurdes que vou morrer.

António Lobo Antunes, In 'Sátira aos Homens quando estão com Gripe'

⇒ Prato principal

“A Galinha”, de Vergílio Ferreira

Servido pelos alunos da Oficina de Teatro, com a colaboração da prof. Fernanda Barroso

Minha mãe e minha tia foram à feira. Minha mãe com o meu pai e minha tia com o meu tio. Mas todos juntos. Na camioneta da carreira. Na feira compraram muitas coisas e a certa altura minha mãe viu uma galinha e disse:

- Olha que galinha engraçada.

E comprou-a também. Estava agachada como se a pôr ovos ou a chocá-los. Era castanha nas asas, menos castanha para o pescoço, e a crista e o bico tinham a cor de um bico e de uma crista.... . Minha tia, que se tinha afastado, veio ver, estava a minha mãe a pagar depois de discutir. E perguntou quanto custava. A mulher disse que vinte mil réis, minha tia começou aos berros, que aquilo só se o fosse roubar, e a mulher vendeu-lhe uma outra igual por sete mil e quinhentos. Minha mãe aí não se conformou, porque tinha regatado, mas só conseguira baixar para doze e duzentos. A mulher disse:

- Foi por ser a última, minha senhora.

Minha tia confrontou as duas galinhas, que eram iguais, achando que a de minha mãe era diferente.

- Só se foi por ser mais cara - disse minha mãe com a ironia que pôde.

Minha tia aqui voltou a erguer a voz. Não se via que era diferente? Não se via que tinha o bico mais perfeito? E o rabo?

- Isto é lá rabo que se compare?

E tais coisas disse e tanta, com gente já a chegar-se, que minha mãe pôs fim ao sermão, por não gostar de trovoadas:

- Mas se gostas mais desta, leva-a, mulher.

Foi o que ela quis ouvir. Trocou logo as galinhas, mas ainda disse:

- Mas sempre te digo que a minha é de mais dura, basta bater-lhe assim (bateu) para se ver que é mais forte.

- Então fica com ela outra vez - disse minha mãe.

- Não, não. Trafulhices, não. Está trocada, está trocada.

- Tu podias levar-me a galinha, para não andar com ela o dia inteiro num braçado, que até se pode partilhar.

Minha mãe trouxe, pois, as duas galinhas na carroça do António Capador, e a minha tia ficou. E quando à tarde ela voltou da feira, foi logo buscar a sua. Minha mãe já a tinha ali, embrulhada e tudo como minha tia a deixara, e deu-lha. Mas minha tia olhou a galinha de minha mãe, que já estava exposta no aparador, e, ao dar meia volta, quando se ia embora, não resistiu:

- Tu trocaste, mas foi as galinhas.

- Trocaste, trocaste. Mas fica lá com a galinha, que não fico mais pobre por isso.

Minha mãe, cheia de compreensão cristã e de horror às trovoadas, ainda pensou em destrocar tudo outra vez. Mas aquilo já ia tão para além do que Cristo previra, que bateu o pé:

- Pois fico com ela, não a quisesse trocar. Só tens gosto naquilo que é dos outros... (texto com supressão)

Vergílio Ferreira